

VII Seminário FESPSP - “Juventude, trabalho e profissão: desafios para o futuro no tempo presente”.

28 de outubro a 01 de novembro de 2019

GT 12 - Relações Raciais e Étnicas na América Latina

Por uma escola pública inclusiva: A integração social de imigrantes bolivianos na EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus

Israel Filipe Santos Nascimento¹

Marina Nascimento Simão²

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

Resumo: A quantidade de alunos imigrantes nas escolas municipais da cidade de São Paulo aumenta gradativamente por ser essa cidade o principal destino migratório do País. A escola com mais estudantes nessa situação, na capital paulista, é a EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus, na qual o país de origem mais comum entre os imigrantes é a Bolívia. Essa instituição é conhecida por realizar projetos educativos que promovem a inclusão de todos os alunos em um ambiente de respeito às diferenças culturais. Com a pesquisa, pretende-se discutir como esses projetos influenciam a integração social dos alunos bolivianos e descendentes de bolivianos na escola. Para isso, foram realizadas visitas a campo que permitiram vivenciar o dia-a-dia da EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus, conhecer os projetos e conversar com alunos, professores e o diretor.

Palavras-chave: Bolivianos. Imigrantes. Integração social. Preconceito. Racismo.

¹ Graduando em Sociologia e Política pela FESPSP (Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo). Contato: israel.filipe85@gmail.com.

² Graduanda em Sociologia e Política pela FESPSP (Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo). Contato: marina.n.simao@gmail.com.

SUMÁRIO

Introdução.....	3
Problematização e justificativa.....	6
Metodologia de pesquisa.....	11
1. Contextualização: EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus.....	12
1.1. As primeiras visitas.....	12
1.2. O entorno.....	14
1.3. A escola.....	15
2. Imigração boliviana.....	17
3. EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus: Projetos.....	19
3.1. Escola Apropriada.....	19
3.2. Diversidade.....	19
Conclusão.....	22
Bibliografia.....	23

INTRODUÇÃO

A Bolívia é definida em sua Constituição como uma República unitária, independente, livre, soberana, multi-étnica e pluricultural. Diversas etnias e culturas são destaque desse país que está situado geograficamente na região centro-oeste da América do Sul.

Nas últimas décadas o país tem enfrentado diversos problemas, nos mais diferentes âmbitos. A situação socio-econômica da Bolívia apresenta aspectos muito delicados, o que em parte está associado a problemas do passado do país, especialmente a dificuldades econômicas, à corrupção e a uma falsa democracia.

Segundo o Ranking Mundial de Desenvolvimento Humano (2013), feito anualmente pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento PNDU, a Bolívia encontra-se na 108ª posição de um total de 186 países com um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,675. Quando analisado o IDH dos países da América Latina, a Bolívia encontra-se na penúltima posição, à frente apenas do Paraguai.

Por decorrência de uma fraca economia, problemas sociais como saneamento básico, moradia, segurança e educação acabam por seguir o mesmo sentido, isto é, indicadores baixos que causam uma baixa qualidade de vida. Os conflitos étnicos também se mostram presentes no país, com destaque para os dois grupos regionais mais predominantes, os collas e os cambas, que lutam pela divisão do país entre oriente e ocidente.

Esses fatores influenciam a escolha da imigração da população boliviana ao Brasil, o que tem se elevado paulatinamente. Através de esquemas, em sua maior parte de maneira ilegal, os bolivianos optam pela entrada ao país.

No total, 292.288 estrangeiros mudaram-se para São Paulo entre 2001 e 2017³. Os bolivianos, facilmente notados sobretudo nos bairros centrais da cidade, como o Bom Retiro, lideram o ranking. A maior parte dos 10 mil alunos estrangeiros matriculados em escolas públicas da capital paulista é composta por bolivianos, seguidos por angolanos, haitianos e japoneses. Apesar do aumento de 98% no número de alunos estrangeiros nos últimos anos, as redes

³ Dados obtidos pelo “Estadão dados” em parceria com a Polícia Federal, em 2017.

municipal e estadual de ensino de São Paulo não possuem diretrizes de como receber e integrar essas crianças.

A maior parte das escolas públicas sofre com problemas de baixa infraestrutura e de profissionais que são submetidos a condições de trabalho não ideais, como contratos temporários, salários muito baixos, alta rotatividade, entre outros problemas. Essas péssimas condições, associadas a materiais didáticos duvidosos, se expressam no cotidiano escolar e no desenvolvimento cognitivo dos estudantes, configurando uma primeira fronteira na educação pública brasileira. Este quadro agrava-se quando o atendimento educacional atinge alunos estrangeiros – que passam por um processo de adaptação em uma sociedade diversa de sua origem e com uma língua estranha à sua e à de seus familiares – sem oferecer uma infraestrutura de suporte, ou seja, o ensino de Português para estrangeiros.

Segundo Aranha⁴, “escola inclusiva é aquela que garante a qualidade de ensino educacional, [...] reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades” (2004, p.7). É fundamental que a escola identifique as necessidades de mudanças e capacidades para que as diferenças não impactem negativamente as relações entre os alunos e professores, contribuindo assim para o processo de inclusão dos alunos estrangeiros.

Para o imigrante, aprender o idioma é um dos passos necessários para sua inclusão no ambiente escolar. Contudo, a solidariedade e o espírito colaborativo da sociedade que o recebe é o que vai garantir que este se sinta atuante no grupo, podendo assim, além de se comunicar, interagir de forma efetiva, indagando, questionando, criticando e sugerindo, exercendo, assim, o seu papel como qualquer aluno nativo.

Escolhemos analisar a Escola Municipal de Ensino Fundamental Escritora Carolina Maria de Jesus⁵, que está localizada no Canindé, bairro do centro de São Paulo com a maior concentração de imigrantes bolivianos. Ao

⁴ Maria Salete Fábio Aranha, professora e doutora da UNESP- Bauru na área de Psicologia.

⁵ O nome da instituição encontra-se em transição. Atualmente, a escola chama-se EMEF Infante Dom Henrique, mas, após reunião e votação com todos os funcionários, alunos e pais de alunos, foi definida a alteração do nome para EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus em homenagem a uma escritora da região do Canindé. A decisão foi tomada porque o nome atual, Infante Dom Henrique, remete a uma figura histórica que promovia a escravidão, o que vai de encontro aos princípios da escola.

menos 20% dos alunos são estrangeiros, sendo praticamente metade dessa porcentagem de imigrantes bolivianos.

Estudando no centro, onde vemos imigrantes e refugiados levando seus filhos para as escolas próximas logo de manhã, escolhemos esse tema tanto por curiosidade quanto por preocupação, pois temos consciência de que não deve ser fácil estar em um país como estrangeiro com baixa qualidade de vida, e por mais que o Brasil seja conhecido como um país acolhedor e receptivo, ainda são comuns casos de racismo e xenofobia. Tendo em mente a importância da escola e a socialização na infância, procuramos analisar e entender como isso acontece para os bolivianos, que são a maioria dos imigrantes atualmente em nossa cidade.

PROBLEMATIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA

Para se estudar a integração social das crianças imigrantes bolivianas em São Paulo, é preciso considerar que seu país de origem apresenta fortes problemas socio-econômicos e, portanto, além da dificuldade de integração devido às diferenças culturais, existe o preconceito envolvendo as condições econômicas dos bolivianos. A pesquisa teve como objetivo descobrir e entender quais os principais obstáculos enfrentados pelas crianças imigrantes bolivianas no seu processo de integração social na EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus e se existem casos de racismo ou xenofobia na escola.

O principal problema explorado pela pesquisa envolve a busca por uma resposta à questão: existe xenofobia em sala de aula contra as crianças imigrantes bolivianas na Carolina de Jesus, mesmo com todos os projetos? Segundo Vidal (2011):

É comum que crianças bolivianas recém-chegadas em São Paulo enfrentem comportamentos preconceituosos nas escolas pelo fato de não saber falar português sem sotaque, sendo elas às vezes desprezadas enquanto <<índios>>. Sem embargo, muitos bolivianos entrevistados dizem que “isso é coisa de criança” e não veem nesses comportamentos infantis o reflexo de uma atitude sistematizada dos brasileiros para com os bolivianos.

Em vista dessa afirmação, torna-se fundamental procurar identificar se a diferença do idioma afeta o aprendizado dos alunos bolivianos.

Para além da relação das crianças imigrantes com seus colegas, é preciso entender como (e se) os professores são orientados a lidar e como de fato lidam com esses alunos, pois o aprendizado dos estudantes pode ser influenciado pelo comportamento dos educadores. Pretendia-se saber se há, por parte das crianças bolivianas, um sentimento de exclusão, especialmente em sala de aula.

Não deixando obstante a disseminação de movimentos pró-imigrantes, mas levando-se em conta que a xenofobia ainda encontra forte expressão, em um momento de crise migratória mundial, a hipótese era de que existem, sim, exclusão e dificuldades para estudantes imigrantes bolivianos, apesar de amenizadas pela política inclusiva da escola. Os grandes fluxos migratórios que marcam as primeiras décadas do século XXI são o que dá relevância ao tema proposto. O acontecimento de guerras, como a da Síria, além de desastres naturais, como o terremoto que atingiu o Haiti em 2010, e níveis baixíssimos de qualidade de vida, como é comum no próprio Haiti, na Venezuela e na Bolívia, segundo dados da Organização das Nações Unidas, leva o número de migrantes internacionais a crescer de forma mais acelerada do que a população mundial. Entre 2000 e 2017, a porcentagem de migrantes na população mundial saltou de 2,8% para 3,4%⁶.

O Brasil, por não apresentar políticas agressivas aos imigrantes, é o principal destino de quem precisa deixar seu país. No caso dos bolivianos, o primeiro destino foi a Argentina, ainda no século XX. No entanto, aqueles que vivem em São Paulo dizem que os argentinos são agentes de forte preconceito (VIDAL, 2011), o que pode ser reflexo das políticas de branqueamento promovidas na Argentina na segunda metade do século XIX, que incluíram o posicionamento de soldados negros nas linhas de frente em batalhas, como na Guerra do Paraguai, nas guerras civis e na guerra de Independência. A população negra e indígena tornou-se muito pequena no país, e alvo do racismo a que se referem os bolivianos.

⁶ Refúgio em números – 3ª edição. Disponível em <http://www.acnur.org/portugues/2018/04/11/de-101-mil-refugiados-apenas-51-mil-continuam-no-brasil/>; os dados obtidos sobre migrações são oficiais, mas existem muitos casos subnotificados de migrantes clandestinos.

Segundo a Polícia Federal, a quantidade de imigrantes em território brasileiro aumentou em 160% entre 2006 e 2016⁷. Para os bolivianos, a despeito da diferença do idioma, o Brasil é um país atraente devido às facilidades em questões burocráticas, além da proximidade geográfica e do fato de que, na América Latina, o Brasil é o país mais desenvolvido economicamente.

A pesquisadora Rosana Baeninger, da Universidade Estadual de Campinas, realizou uma pesquisa a respeito da imigração boliviana no Brasil e organizou, em 2012, uma publicação na qual reúne os estudos de diversos pesquisadores com temas semelhantes. Entre eles encontra-se Sidney A. da Silva, que apresentou, no ciclo de palestras *São Paulo: seus povos e suas músicas*, organizado pela Biblioteca Mário de Andrade em 2011, o texto intitulado *Bolivianos em São Paulo – Dinâmica cultural e processos identitários*.

No texto, Silva descreve o fluxo de bolivianos em direção ao Brasil com destino a São Paulo. Segundo o pesquisador, a maior parte desses imigrantes, quando se instalam na capital paulista, passam a trabalhar no ramo da costura. A despeito das precárias condições de trabalho, os bolivianos entrevistados afirmam que a situação na Bolívia era ainda pior, o que pode ser complementado pela pesquisa de Dominique Vidal, *Convivência, alteridade e identificações. Brasileiros e bolivianos nos bairros centrais de São Paulo* (2011).

Para Vidal, é importante destacar a oposição dos bolivianos entre collas e cambas. Os cambas são os que não apresentam traços indígenas e aparentemente são de ascendência europeia. Já os collas, são os povos do altiplano boliviano, dos quais fazem parte a maioria dos que emigram para o Brasil e trabalham na costura. Os brasileiros não costumam notar diferenças entre collas e cambas. Nas escolas, segundo Vidal, as crianças bolivianas, normalmente collas e, portanto, de origem indígena, são alvo de brincadeiras preconceituosas em decorrência de sua aparência, sendo chamados de índios em tom pejorativo. Apesar disso, ela afirma que os migrantes collas enfrentam, no Brasil, menos desprezo do que no próprio país:

⁷ Anuário da Polícia Federal. Disponível em <http://obmigra.mte.gov.br/index.php/anuarios>.

Os migrantes provenientes da região altiplânica – e, particularmente da cidade de El Alto, próxima de La Paz – afirmam não encontrar em São Paulo o desprezo que, na Bolívia, os “blancos” ou “os que são descendentes de espanhóis” têm pelos “mestiços” e os “indígenas”. Também não enfrentam no Brasil nada igual à hostilidade dos cambas, nome dos moradores da região de Santa Cruz de la Sierra que não têm traços índios e reivindicam uma ascendência europeia -, em relação aos collas, categoria que remete aos povos do altiplano boliviano. (VIDAL, 2011)

A discriminação sofrida por crianças bolivianas nas escolas pode ser analisada à luz do que diz Erving Goffman em *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (1963). Para ele, um indivíduo que se encontra dentro de um grupo social diferente daquele de origem, no qual foi criado e através do qual formou seu ponto de vista, não apresenta defeitos ou uma degenerescência em relação aos demais indivíduos. No entanto, a atenção ao seu traço de distinção pode sobrepor-se aos seus outros atributos, o que caracteriza um estigma.

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. [...] Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário com fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original. (GOFFMAN, 1963)

Uma criança estrangeira que sofra com preconceitos pode crescer imerso em uma crise de identidade. Segundo Dubar (1997), é na infância que se constrói a identidade de um indivíduo. A infância, portanto, é a fase da vida responsável por criar a base social e identitária sobre a qual se forma uma pessoa, e que é reconstruída incessantemente ao longo da vida. Disso surge a importância da socialização das crianças nos ambientes onde vivem, seja em casa ou na escola.

Para Piaget (1995), as ações que atingem uma pessoa ainda na infância evocam nela o aprendizado. Desta forma, as situações pelas quais ela passa influenciam todo o seu desenvolvimento. Se uma criança é exposta a situações em que sofre com o preconceito, pode apresentar problemas em suas relações no futuro, considerando-se o que diz Leon Crochik (1995), segundo o qual o preconceito pode ser definido como uma atitude de hostilidade nas relações interpessoais. Quando a hostilidade funda-se na origem da vítima, trata-se de xenofobia.

É importante ressaltar que, ao abordar a integração das crianças bolivianas na escola, constantemente remeter-se-á à prática de bullying, que, conforme Neto (2005), “diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão”. Como o centro da questão são as crianças bolivianas, pode-se confundir o bullying com o racismo. O primeiro possui caráter pontual, ou seja, pode acontecer em momentos específicos e, tão logo seja combatido, pode acabar. Já o racismo, tem raízes na sociedade e pode originar o bullying. “O racismo é uma prática que reproduz na consciência social coletiva um amplo conjunto de falsos valores e de falsas verdades e torna os resultados da própria ação como comprovação dessas verdades falseadas” (CUNHA JR., 1992).

De acordo com o professor Cesar Luís Sampaio, docente da EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus, em entrevista concedida ao portal UOL em 2017, os episódios de bullying envolvendo racismo são fruto do “cotidiano das crianças fora da escola”. Existe, portanto, um racismo estrutural, o que a escola tenta corrigir por meio de atividades que promovam a inclusão e o respeito a diferentes culturas. Em 2014, como forma de estimular a integração entre os estudantes, alguns alunos estrangeiros e brasileiros foram levados a uma viagem até a Bolívia, numa oportunidade de conhecer de perto as culturas bolivianas.

O professor relata que os efeitos das atividades organizadas pela escola são visíveis. Como exemplo, destaca um episódio em que um dos alunos chamou um colega de classe de “macaco”. Imediatamente, os outros alunos revoltaram-se e cobraram do professor uma medida punitiva. O ofensor pediu desculpas ao colega e a toda a classe, e “se mostrou muito arrependido e envergonhado”.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Na nossa pesquisa trabalhamos principalmente com crianças bolivianas e descendentes de bolivianos, de sete a 12 anos. Entramos em contato com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Escritora Carolina Maria de Jesus, no Canindé, região central de São Paulo. A escola é conhecida por acolher grande quantidade de alunos imigrantes, entre eles bolivianos, e promover projetos de inclusão que visam à igualdade entre todos os seus estudantes.

Escolhemos usar a entrevista não estruturada na maior parte dos casos, pois em nossa observação, ao conversar com o diretor e alguns alunos, percebemos certas dificuldades. Com o diretor, houve um imprevisto que encurtou o tempo disponível para a conversa, e com alguns dos alunos a dificuldade era em relação à sua atenção para a conversa. Ao ler pesquisas diferentes que também trabalharam com crianças⁸ percebemos que os desenhos podem cativar mais sua atenção e estimulá-las a falar do assunto. Isso foi um ponto positivo na maioria das conversas com as crianças, pois foram realizadas no contexto dos projetos da escola, em que é comum a produção de desenhos.

As entrevistas foram realizadas em locais diferentes. Com a Dra. Patrícia Tavares de Freitas foi realizada na biblioteca da FESPSP, sendo utilizado o método da entrevista semi-estruturada. Já a entrevista com o diretor foi realizada na própria Carolina de Jesus, e, com as duas alunas, no SESC Consolação, por ser um lugar mais amigável e tranquilo.

Como o objeto de estudo são as crianças bolivianas e descendentes de bolivianos, foi priorizado o contato informal com os alunos nas visitas à escola, pois as conversas com o formato de entrevistas poderiam criar um distanciamento entre as crianças e os pesquisadores. No caso da entrevista com duas alunas, por exemplo, elas demonstraram certa timidez, diferente dos demais, com os quais houve uma maior aproximação.

⁸ CEZAR, Marcos.; SILVA, Ana Paula. Crianças bolivianas na educação infantil de São Paulo: Adaptação, vulnerabilidade tensões. São Paulo, SP, 2015.

LIBERATO, Débora.; LOKOI, Zilda Marcia Grícoli. Crianças bolivianas nas fronteiras da educação brasileira. Porto Alegre, RS, 2014.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO: EMEF ESCRITORA CAROLINA MARIA DE JESUS

1.1.AS PRIMEIRAS VISITAS

A primeira visita foi realizada numa quinta-feira, 13 de setembro de 2018, das 10h10 às 10h50. Localizado no bairro do Canindé, podendo-se considerar na zona central de São Paulo, o ambiente em torno da escola apresenta grande quantidade de pessoas em situação de abrigo na rua. O motorista de aplicativo apresentou resistência em ir até o local por considerar a área insegura, mas decidiu completar o trajeto. No muro da escola, encontra-se a frase *no human being is illegal* (nenhum ser humano é ilegal), e logo na recepção uma pintura que representa etnias diversas com a frase *por uma escola pública inclusiva*.

Ao chegar, conversamos com a recepcionista, explicamos o motivo da visita, e ela dirigiu-se à sala do diretor. Saindo de lá, pediu que o aguardássemos. Cerca de dez minutos mais tarde, fomos chamados ainda na recepção pelo diretor Carlos Eduardo Jr, que se apresentou simplesmente como Cadu. Explicamos-lhe o tema e objetivo da pesquisa, pedindo autorização para conhecer o interior da escola e os projetos. O diretor explicou que não tinha tempo disponível para apresentar a escola por estar em organização de uma semana de provas, mas indicou reportagens sobre os projetos e os prêmios recebidos, para que fossem pesquisados. Ressaltou, ainda, o processo em andamento pela mudança de nome da instituição, de EMEF Infante Dom Henrique para EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus. Ao fim da conversa, ficou marcada uma nova visita para a semana seguinte, quando Cadu teria mais tempo disponível. Havíamos imaginado o diretor como um senhor, já que até então havíamos conversado apenas por e-mail. Ele, no entanto, aparenta aproximadamente 30 anos.

Conforme combinado, voltamos à escola na quarta-feira, 19 de setembro. Chegamos por volta das 9h e notificamos a recepcionista sobre o compromisso.

A entrevista com o diretor estava marcada para as 9:30, mas chegamos um pouco mais cedo, então a recepcionista pediu-nos para esperarmos na sala

dos professores ao fim do corredor. No caminho passamos pelas salas de aula em cujas portas os nomes das matérias estavam escritos em Inglês, Português, Espanhol e Árabe. Além disso, também vimos diversos desenhos colados pelas paredes do corredor, desenhos dos alunos retratando temas como a igualdade social e de gênero, o preconceito e o racismo.

Na sala dos professores, há uma grande mesa para os docentes, uma menor com café disponível e um armário com uma prateleira para cada professor, no qual se guardam seus materiais. Às 9h15 começou a ser tocada uma música com alto volume no corredor. Uma professora nos avisou que era o toque do intervalo e que a cada duas semanas os próprios alunos escolhem a música a ser tocada.

Esperando pelo diretor, uma professora chegou à mesa para desamassar um cartaz feito por uma aluna do sétimo ano com o tema “mulheres fortes”. A aluna havia escolhido falar sobre igualdade no trabalho e a professora estava bastante animada e satisfeita com o resultado.

Durante o intervalo, o diretor compareceu à sala dos professores e informou que faria uma longa reunião com o corpo docente. Ele pediu desculpas e nos explicou que a reunião era muito importante, pois trataria de uma mudança cobrada à escola, que deveria enviar documentos à Secretaria de Educação para a ampliação da carga horária. A entrevista, portanto, marcada inicialmente para as 9h30 seria realizada mais tarde.

As 11h fomos para uma sala com o diretor e mais uma garota que fazia estágio na escola. A entrevista foi muito diferente do esperado, pois não houve tempo para que realizássemos muitas perguntas. O próprio diretor iniciou a conversa, explicando como era a escola antes de se iniciarem os projetos e como ela foi transformada, se tornando referência na educação inclusiva. Falou sobre a realidade das famílias dos alunos bolivianos e de como os projetos são importantes para a relação harmoniosa entre os brasileiros e os imigrantes, em especial os bolivianos. Perguntamos sobre um dos projetos, o *Escola Apropriada*, e ele explicou que é uma reunião realizada quinzenalmente com alunos imigrantes e alguns brasileiros, com o intuito de se fazerem trocas de conhecimentos culturais. A conversa durou cerca de 30 minutos, até as 11h30, e o diretor nos convidou a voltar na semana seguinte para presenciar uma reunião do Escola Apropriada.

Conseguimos informações importantes nessa conversa, mas algumas das perguntas não puderam ser feitas devido à falta de tempo provocada pelo imprevisto da reunião.

Tanto o diretor quanto a recepcionista e os professores foram muito receptivos, mostrando-se dispostos a contribuir com a pesquisa. Toda a estrutura da escola, com frases nas paredes referindo-se à igualdade entre as etnias e com grande interferência dos alunos com seus desenhos, além da fuga do padrão com músicas para indicar o intervalo, tornam o ambiente muito agradável e parecem fazer com que os estudantes se sintam bem na escola e incentivados a respeitarem seus colegas.

Nesta visita já percebemos o diferencial da escola; os temas abordados nos trabalhos expostos nos corredores deixam clara a preocupação dos professores em ensinar e explicar a importância de se respeitarem as diferenças, ainda mais em uma escola reconhecida pela grande diversidade entre os alunos.

1.2.O ENTORNO

A escola tem três grandes agrupamentos entre os alunos: o primeiro é remanescente da favela do Canindé, uma comunidade de cerca de trezentas famílias, vivendo em uma situação precária de moradia. É um local de grande disputa por estar próximo ao centro, mas a criminalidade é alta. A escola reconhece que praticamente todos os moradores desta comunidade estudaram na Carolina de Jesus, até então Infante Dom Henrique, ou seja, tanto os pais quanto os filhos, tendo em vista que a escola tem pouco mais de 60 anos.

O outro agrupamento vive em um lugar muito mais novo, de 2004, o edifício Olarias. Com 187 apartamentos, essa é uma moradia social criada no final da gestão de Marta Suplicy à frente da prefeitura de São Paulo. Segundo o diretor, a maioria dos alunos que vêm destes apartamentos vive em uma situação melhor do que a dos moradores da favela do Canindé, já que muitos dos apartamentos chegam a ter até dois dormitórios, ou seja, uma área muito mais organizada para receber famílias.

O terceiro agrupamento vem do que eles chamam de “morrinho”, onde existem pessoas que vivem com uma situação econômica boa em relação às

dos outros agrupamentos, mas se encontram morando em cortiços, ou seja, é um agrupamento mesclado, num lugar caracterizado por uma grande ladeira.

No momento, 24% dos alunos da EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus são imigrantes, cerca de 130 alunos, sendo destes a maioria bolivianos. As famílias destes alunos organizam-se na chegada à região, geralmente alugando casas que dividem espaço com oficinas de costura. O ritmo de trabalho pode ser considerado surreal, tendo em vista que muitos trabalham das 7h até as 23h. Nesses casos os pais ainda buscam as crianças na escola, mas em seguida já voltam ao trabalho. Recentemente houve denúncias de trabalho escravo, e algumas destas oficinas foram fechadas.

A escola tem por hábito receber muitos alunos imigrantes, primeiro por conta da região, que historicamente é conhecida como um ponto de encontro e acolhimento de diversos imigrantes, principalmente bolivianos e árabes, e segundo devido aos projetos desenvolvidos pela instituição.

Tendo em mente tudo isso, o diretor diz que a escola se sente na obrigação de acolher essas crianças, ensinando-lhes a língua e costumes locais para que fora da escola elas também se sintam seguras.

1.3.A ESCOLA

A escola foi fundada há aproximadamente 60 anos, e não são incomuns professores que estão na casa há mais de 10 anos. Isso faz toda a diferença, pois os projetos e trabalhos tornam necessária a sua permanência. Assim sendo, os projetos tornam-se mais bem elaborados. O grupo atual tem o propósito de realizar mudanças estruturais na escola.

A EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus possui educação integral do primeiro ao terceiro ano. Nesse período as crianças ficam sete horas, tendo nesse tempo até três refeições. O oitavo e o nono ano podem ficar até mais do que essas sete horas, pois a escola possui uma parceria com o Instituto Federal, por meio da qual todos os alunos possuem vaga para um curso preparatório pré-vestibular. São 120 alunos no oitavo e nono ano, e 40 deles chegam a participar das aulas extras.

O ciclo de alfabetização da escola possui um grupo fechado de seis professoras que estão juntas há mais de quatro anos. A taxa de alfabetização

com sucesso da escola, segundo o diretor, é de 95%. Tendo em mente a diversidade de alunos, esse número torna-se muito considerável, já que em média 20% desses alunos são alfabetizados em uma segunda língua.

Em uma visita que realizamos na reunião do projeto Escola Apropriada, além de percebermos a real diversidade de alunos em uma só sala, também percebemos como eles têm se relacionado bem com a Língua Portuguesa. Conhecemos dois meninos bolivianos que estavam em São Paulo há apenas dois meses e já falavam o Português sem problemas, com apenas algumas dificuldades na escrita, e um aluno marroquino, que havia chegado ao Brasil há apenas oito meses e já falava o Português fluentemente, apesar de ser tão diferente do Árabe, sua língua materna. Quando conversamos com eles percebemos o quanto pareciam alegres, conversando sem problemas com seus colegas brasileiros, e ao lado estava sempre uma professora ajudando-lhes com a escrita e pronúncia.

Na entrevista realizada com as duas alunas também foi possível perceber um grande empenho em além de aprender o Português, também não perder o Espanhol. Segundo as próprias alunas, a escola mantém as aulas de Espanhol e elas, mesmo estando em uma escola brasileira e aprendendo o Português, se sentem livres para falar em Espanhol entre si ou até mesmo ensiná-lo aos seus amigos e colegas brasileiros.

2. IMIGRAÇÃO BOLIVIANA

Para compreender como ocorre o processo da imigração boliviana ao Brasil, entrevistamos Patrícia Tavares de Freitas, especialista em migrações internacionais, Direitos Humanos e Sociologia, que realizou uma pesquisa de doutorado sobre esse assunto.

A ditadura militar boliviana, iniciada em 1964, levou o país a uma profunda crise social e econômica, que continuou mesmo após o fim do regime autoritário, em 1982. Foi nesse período que as numerosas minas da Bolívia foram privatizadas e, como afirma a entrevistada, ocorreu um programa de realocação laboral, e muitos dos mineiros migraram dentro do país para trabalhar em outros setores. Uma cidade diretamente afetada por esse

processo foi Oruro, onde há muitas minas. Boa parte dos mineiros da cidade mudou-se para Villa Pagador, um bairro de La Paz, para trabalhar na costura.

É no ramo da costura que trabalha a imensa maioria dos bolivianos que migram para o Brasil. Diferente do que se imaginava no começo da pesquisa, o mais comum não é que se mude para o Brasil com a pretensão de morar. Segundo Patrícia, costuma-se fazer a viagem para se passar apenas um período no Brasil, juntando-se lucros para investimentos no país de origem, o que não significa que não existam casos de fixação no Brasil.

É importante lembrar da denominação dos cholos na Bolívia, que são indígenas, geralmente Quechua ou Aymara. É comum que mulheres cholos trabalhem com serviços domésticos em casas de brancos. De acordo com Patrícia, acontece um apadrinhamento que firma um dever da chola com a família branca. A família garante educação e acolhimento à chola, que, se decidir não mais viver na casa, precisa deixar alguém para trabalhar em seu lugar.

A maneira da relação entre brancos e cholos acaba por se reproduzir na relação entre os migrantes que trabalham na costura em São Paulo. Mesmo vivendo em condições subumanas, tendo a força de trabalho explorada, muitos dos cholos que trabalham nas oficinas de costura optam por continuar nessa situação, pois a saída significaria um rompimento com a família na Bolívia.

Outro ponto descrito pela entrevistada é que existem imigrantes bolivianos em São Paulo que não falam em Espanhol, e sim em Quechua ou Aymara. Isso leva a uma outra questão: muitos cholos que migram para o Brasil vão direto das regiões rurais da Bolívia.

Em situação de precariedade e incerteza quanto ao permanecimento em São Paulo, muitas crianças bolivianas que vão à cidade com seus pais não frequentam a escola. Isso prejudica não apenas seu progresso educacional, mas também seu desenvolvimento social, pois limita-se o contato com outras crianças.

3. EMEF ESCRITORA CAROLINA MARIA DE JESUS: PROJETOS

3.1. ESCOLA APROPRIADA

Durante a pesquisa, pudemos conhecer dois projetos da EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus. Um deles é o Escola Apropriada, reunião que ocorre quinzenalmente com alunos estrangeiros e alguns brasileiros, com o fim de promover trocas culturais.

Para se conhecer o projeto, foi feita uma observação participante em uma das reuniões. Inicialmente, os alunos estavam sentados em grupos de cerca de cinco pessoas. A professora distribuiu um pedaço de papel para cada criança, contendo uma palavra, e para cada palavra havia um antônimo no pedaço de papel que estava com outra criança. Dessa maneira, formaram-se duplas com quem estava com palavras antônimas.

Com as duplas formadas, a tarefa era conversar entre si sobre questões ligadas ao lugar de origem de cada um, para que fossem apresentados aspectos culturais. Depois disso, foram formados grupos de quatro, juntando-se as duplas. A tarefa agora era criar uma história envolvendo tudo sobre o que havia sido conversado. Essas atividades permitiram que as crianças tivessem a mente aberta para conhecer as culturas uns dos outros.

Nessa reunião, conversamos com alguns alunos bolivianos e percebemos neles uma satisfação com o projeto e com a escola, em especial porque, com as aulas, falam o Português fluentemente, o que facilita a integração junto aos colegas brasileiros.

3.2. DIVERSIDADE

O segundo projeto que conhecemos estava ainda no começo. Uma professora chamada Darla reuniu alunos de salas diferentes para debater temas ligados ao respeito às variadas identidades. Na oficina que presenciamos, ela fez uma dinâmica de integração e pediu que as crianças fizessem, cada uma, um desenho que as representasse.

A maioria das crianças desenhou um retrato de si. Quando os desenhos estavam prontos, a professora pediu que os alunos observassem o que os outros produziram e, caso quisessem, realizassem comentários. Todos os alunos que comentaram elogiaram os desenhos. Após esse momento, a professora propôs uma discussão sobre o que é a beleza, enfatizando que não

existe uma identidade única, e sim inúmeras identidades, cada uma com a sua beleza.

Esse novo projeto ainda não tinha nome, e ficou combinado que as próprias crianças decidiriam como chamá-lo, no decorrer das reuniões seguintes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A convivência no dia-a-dia escolar e a participação em atividades da EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus foram fundamentais na busca de respostas às perguntas iniciais da pesquisa. O objetivo era compreender quais são os principais obstáculos na integração dos estudantes bolivianos com os demais colegas na Carolina de Jesus e se existem casos de racismo e xenofobia em sala de aula.

Assim como se esperava, o preconceito com os alunos bolivianos em sala existe, mas amenizado devido à presença dos projetos da escola. No entanto, a eficácia desses projetos é maior do que o imaginado. As falas das crianças bolivianas nas conversas demonstram que a ocorrência de atitudes racistas ou xenófobas são muito pouco frequentes, e quando acontecem os professores atuam prontamente para inibir a recorrência e educar os agressores. Isso pode ser exemplificado pela fala de uma das crianças entrevistadas. Ela afirmou que quando começou a estudar na Carolina de Jesus, algumas alunas mais velhas diziam que ela era esquisita e que “parecia índia”, em tom pejorativo, mas ela comentou sobre isso em uma reunião do Escola Apropriada e as professoras resolveram o assunto conversando com as alunas.

Segundo os estudantes bolivianos e descendentes de bolivianos, a maior dificuldade na relação com os colegas brasileiros é a língua. Quando chegam à cidade de São Paulo e à escola, eles não compreendem bem o Português. No começo, portanto, é um desafio desenvolver uma conversa com os colegas locais. Em poucos meses, porém, esse problema costuma ser revertido, pois a escola oferece aulas de Português para os alunos estrangeiros. Na maioria dos casos, persiste certa dificuldade na escrita, mas

os professores dão suporte nessa situação. Os alunos se sentem, assim, parte da instituição.

Outro ponto que releva a importância dos projetos da Carolina de Jesus encontra-se na fala de Cadu, o diretor. De acordo com ele, quando por algum motivo a escola passa por um período sem discutir o preconceito e o racismo, os casos de xenofobia voltam a ser frequentes, como antes do início dos projetos, quando era comum até a prática do bullying.

Após o conhecimento dos projetos da EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus, conclui-se que os projetos inclusivos são responsáveis por mudar substancialmente a relação dos estudantes bolivianos com os brasileiros. Se em um primeiro momento esses alunos demonstram dificuldade em integrar-se ao ambiente escolar, o que acontece com os projetos é uma transformação dessa realidade, com os bolivianos vencendo a barreira das diferenças culturais e sendo aceitos pelos estudantes locais. As práticas da escola poderiam, inclusive, ser adotadas por toda a rede municipal de ensino em São Paulo, por uma escola pública inclusiva.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M.S.F. **Inclusão social e municipalização**. In: MANZINI, E.J. (org) Educação Especial temas atuais. Marília Publicações: Marília SP, 2000.

BAENINGER, Rosana. **Imigração boliviana no Brasil**. Campinas: Núcleo de Estudos de População – Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa 2012.

C, José Leon. **Preconceito, indivíduo e sociedade**. *Temas em psicologia* 4.3 (1996): 47-70.

CEZAR, Marcos.; SILVA, Ana Paula. **Crianças bolivianas na educação infantil de São Paulo: Adaptação, vulnerabilidade tensões**. São Paulo, SP, 2015.

CUNHA JR., Henrique. **As estratégias de combate ao racismo. Movimentos negros na escola, na universidade e no pensamento brasileiro. Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação Racial**. *Pág* (1996): 147-156.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. 3 Ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: GEN, LTC, 2013.

LIBERATO, Débora.; LOKOI, Zilda Marcia Grícoli. **Crianças bolivianas nas fronteiras da educação brasileira**. Porto Alegre, RS, 2014.

NETO, Aramis A. Lopes. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes**. *Jornal de pediatria*, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução: Maria Alice Magalhães D'amorim e Paulo Sergio Lima Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

SILVA, Sidney A. da. **Bolivianos em São Paulo – Dinâmica cultural e processos identitários**. In: BAENINGER, Rosana. *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População – Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa 2012.

VIDAL, Domingues. **Convivência, alteridade e identificações. Brasileiros e bolivianos nos bairros centrais de São Paulo**. In: BAENINGER, Rosana. *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População – Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa 2012.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. **Cultura escolar: da migração do conceito à sua objectivação histórica. Cultura escolar, migrações e cidadania**, 2010.

GONÇALVES, Carolina Abrão. **O limiar entre ser boliviano e ser brasileiro: as identidades híbridas das crianças imigrantes na cidade de São Paulo**. In: *Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina*. São Paulo, 2014.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.